

Dados da Ficha	
Palavras-chave	Migração, colonos, agricultura, paisagem, extensão.
Entrevistado:	João Alfredo Schumartz (JS)
Idade:	50 anos
Entrevistadora:	Andressa Krieser Bauermann (AB)
Data da Entrevista:	NI
Transcrição da entrevista:	Bruna Krauspenhar

AB - Bom, então primeiro o senhor podia dizer o seu nome, a idade e o nome da linha então onde, onde você reside.

JS - É... João Schumartz, João Alfredo Schumartz, moro no distrito de Machado, Pinhalzinho. É... Tenho cinquenta aninhos e, é esse eu.

AB - E... Sempre morou aqui ou vieram de outro lugar, como que foi?

JS - Eu nasci aqui, cresci, vivi sempre no mesmo lugar. [**AB** - Sempre no mesmo?] Nunca troquei de água, sempre tomei a mesma água [risos], sempre na mesma propriedade.

AB - E... Os teus pais vieram de outro lugar [**JS** – Esses sim!] ou eles também já eram nascidos aqui?

JS - Não, vieram do Rio Grande do Sul há sessenta anos atrás, quando Pinhalzinho nem existia, era, pertencia à São Carlos, município sede na época era São Carlos. Pinhalzinho, Modelo, Saudades... eram distritos de São Carlos.

AB - Então já fazem sessenta anos que [**JS** - Isto!] eles...

JS - Que essa propriedade existe.

AB - E... tu sabe contar um pouquinho como foi a chegada dos teus pais, eles chegavam a mencionar isso? Algumas lembranças de quando tu era criança, se tinha alguém que morava aqui antes, de quem que eles compraram... como que foi esse, esse processo?

JS - É, eles, eles, na época meu avô, ele comprou uma área de terra na linha São Luiz/Saudades e... quando o pai, eles iam vim pra morar pra cá, eles foram vê essas terra que não tinha acesso até o local, que era muito difícil, era tudo mato... Aí eles vieram pra cá vê essa situação e quando tavam aqui, ficaram sabendo dessa área que nós tamos morando hoje, que tava à venda. Aí eles foram atrás, conseguiram vendê lá na Linha São Luiz e acabaram comprando aqui que era... uma área que era do Jorge Silva, que era um comerciante e era... Daí em três, dois irmão e um

cunhado compraram essa área, era cento e cinquenta e poucos hectare de terra e dividiram entre os três. ãhn... Vieram morá pra cá todos eles não tinham muitas condições, né... o pai sempre falava que descarregaram a mudança dentro de um chiqueiro, outro tio num galpãozinho e o outro tio veio uns dia depois, aí já tava um pouco mais adiantado. Meu pai veio do Rio Grande do Sul, trezentos e trinta e poucos quilometro com carroça e... tocando gado e cavalo, acho que quatorze ou quinze cabeça de gado, mais quatro, cinco cavalo e com carroça, trouxeram pra cá por terra, levaram treze dias e meio de lá até aqui. O pai sempre falava que foi a melhor viagem da vida dele, nem uma chuva pegaram nesses dias, então vieram de lá até aqui com sol. Chegaram aqui não tinha nada, fizeram o começo, não tinha, magina, era, Pinhalzinho nem existia, era uma vilazinha. Tinha uma ou duas casinha e já foram começando a comunidade, também a história, a comunidade, em tudo que tem aqui tem a mão deles né, desde as igreja que foi construída, desmanchada, construída, desmanchada... até o que tem hoje, salão também, salão de festa, (passo dois) até que tem um ginásio agora, então sempre com a ajuda deles e as outras pessoas, né. Quando eles vieram aqui predominava a origem de caboclos, que na nossa comunidade, na Machado na época tinha os posseiro. Tinha um grupo de caboclos que invadiram uma área de um dono de terra que era do Rio Grande do Sul, eles tinham invadido essa terra, tinham tomado posse. Daí viveram com eles vários anos, depois até que (te deu) via judicial, a reintegração da terra pro dono, daí esses posseiro tiveram que sair.

AB - E tu tem ideia pra onde que eles foram?

JS - Ah, pra tudo que é lado, Sul Brasil, Campo Êre, aí eles se dividiram pra tudo que é lado, inclusive a comunidade, o nome Machado é porque a família maior era os Machado.

AB - Que era uma família de caboclo?

JS - Isso! Então a comunidade ficou com o nome. Hoje é distrito de Machado, mas era linha Machado em homenagem àquelas pessoas.

AB - E... Quando vocês chegaram aí aqui a terra já tava mais limpa ou ela ainda era bastante mato?

JS - Não, quando o pai, eles vieram, tinha praticamente tudo era mato. Tinha só umas, uns cantinho aberto, daí eles foram abrindo, foram mexendo, foram... Quando o pai veio daí nós, imagina, tinha só, tinha a irmã mais velha e um irmão nascido, mas meu irmão acho que tinha três meses quando vieram. O resto nasceu tudo... é, dois é gaúcho e o resto tudo é barriga verde, tudo é catarinense.

AB - E... Nessa... nesse mato tu sabe dizer que tipo de madeira que mais tinha?

JS - Mas olha! Assim, que foi quando foi derrubado a maioria das, das madeira eu já nem me lembro mais... mas era grápia, algum pinheiro, ma bem pouco, essas madeira... canela, (o que mais...?!) essas madeira normal, que tem em todos os mato.

AB - Era derrubado pra usar na própria propriedade ou... o que que fazia com essa madeira que foi tirada [Sobreposição de vozes; **JS** - As prim...] com o mato que abriram?

JS - As primeiras, é, as primeiras pra abrir lavoura era queimado, não tinha nem como aproveitá... mas depois o mato pesado mesmo daí foi vendido, trocado, praticamente dada, na época diziam que compravam mas... não pagavam praticamente nada. Porque tinha que abrir pra fazer a lavoura né, não tinha como... outro jeito.

AB - Era tanto então pra tê alguém pra vendê... [**JS** - É... pra tirá] aí pra tirá... [**JS** - Pra tirá!]

JS - Mas graças a Deus hoje ainda nas nossas área que tem, tem a quantia de mato que pede a lei, exige, nós temo tudo, dispensa ambiental... foi feito tudo certinho.

AB - E... Tu sabe dizer como que esses caboclo que tavam aqui antes, como eles tinham costume de cultivar e de mexer com, com os animais... tem alguma ideia disso ou é uma coisa que tu não...?

JS - Nessa parte é um pouco mais difícil porque daí era antes do meu tempo, antes de eu me conhecer, mas meu pai sempre falava que ele fazia, ele fazia castração... dos cachaco e também das leitoa, na época eles fazia castração. E... ele fazia isso pros caboclo e saia de manhã e voltava de noite... ele era castrador e, porque daí magina, se não castrasse as leitoa, que chegava a ficar dois anos de idade até que... Isso ele contava, que saia nos caboclo em volta e... fazia isso. Por isso que a gente aprendeu assim não ser racista. Ele almoçava na casa deles e tal, contava que tinha só uma mandioca dura, nem [risos], nem mole não ficava, não cozinhava... mas ele sempre assim na, na brincadeira, falando o que que ele achava em volta. Mas, com certeza eles fazia pra comê, fazia as rocinha pra cultivá o milho, feijão, essas coisinha pra comê, mas nunca sobrava pra vende. Só que, os, os de origem que entraram na época sempre conseguiram conviver bem com essas pessoa. Sempre, sempre eles falam bem dessa época que quando os caboclo ainda moravam aqui.

AB - Então depois que vocês chegaram e começaram a cultivar, como que vocês faziam? Era tudo à mão, que tipo de instrumento que usava... Como que foi assim esse começo?

JS - É, a evolução foi difícil, ainda, ainda que eles saíram do Rio Grande do Sul que lá não dava mais nada, lá não produzia mais nada. Aí tinha que vim pra Santa Catarina e abrir roça nos morro que ali era terra forte, lá no Rio Grande falavam que tinha que ser morro pra ser terra boa, que produzia sem nada. Aí a primeira roça do meu pai era morro, que hoje se fosse falá os cara acham que é impossível, aí depois foi aumentando, foi evoluindo, foi crescendo, a família foi aumentando e foi abrindo mais terra né... até que, até que não tinha ainda maquinário era aquela terra normal né que eles conseguiam limpá, lavrá, que não tinha como fazê muito. Aí... depois que entrou os maquinário aí começou a evolução, aí a coisa começou a aumentar, a família começou a aumentar também, né, os filho cresceram, aí precisava mais terra pra cultivá.

AB - E... Ali esse começo, era enxada, era... [**JS** - Era enxada!] boi...

JS - Com arado de boi... tudo na mão, as terra que, que daí mais interessante que as primeiras quando abria as terra, daí até que tu entra com o arado era tudo cheio de toco, aí passava meio rasgando as raiz e quatro, cinco atrás limpado a verga. O que sobrava que, praticamente o arado não tirava nada dos mato, aí ia com enxada atrás, quatro, cada um pegava um pedaço, limpava até fazê a volta, voltava já tava limpo e assim começou a limpá, cada ano rasgava umas raiz a mais, até que daqui a pouco tava tudo podre, começando a limpá a roça assim.

AB - Quando tu fala desse maquinário que começa a chegar, essa evolução, essas coisas mais modernas... quando que isso começa aqui na região ou aqui em Pinhalzinho, aqui no lugar onde você sempre morou?

JS - Ah, daí depois claro que daí com... lembro anos setenta e oito, setenta e nove, o pai comprou o primeiro tratorzinho e daí já tinha umas roça aberta que era as mais bonita daí foi tirado os toquinho que tinha, as pedra, mas ainda assim uma grande parte era feita com boi. Poderia ter feito mais na época, só que daí não podia ter nenhuma pedrinha, nenhum toquinho porque... máquina não pode! Hoje é ao contrário. E daí foi aumentando, foi aumentando e... daí os irmão casando, os mais velho, foi... é, cada um foi passando fazendo o seu ciclo dentro da propriedade. Daí até que... na época quando eu casei, tinha mais dois irmão em casa e um saiu foi trabalhá na cidade, outro depois que casou, daí eu comecei a trabalhá, trabalhei um dois anos sozinho junto com o pai, depois um outro meu irmão veio morá com nós, aí nós fizemo a sociedade que temo até hoje. A partir daquele momento começou, só que antes ainda a gente começou a plantar fumo também, plantamo dezanove anos fumo e... com essa incrementação na propriedade o fumo abriu um pouco assim as porta pra tecnologia. Aí a gente começou vê que, é... muitas coisa que a gente até então não valorizava tinha seu valor. Que o meu pai falava assim, graças

a Deus era uma pessoa aberta, ele já tinha assim uma visão boa das tecnologia quando entrou a ACARESC, uma das primeiras terra que fizeram terraço, na época chamavam de terraço e era feito à boi, era um preparo no arado que eles abriam o terraço, faziam curva de nível e isso aconteceu aqui em casa, na época quando o Paulo Junqueira veio ser o primeiro agrônomo da ACARESC em Pinhalzinho, eu lembro, desse arado eu lembro muito bem. Ele era uma tábua, com uma parte de ferro embaixo que puxava a terra pra abrir a curva de nível. E daí desde aquela época a tecnologia começou a entrar e depois quando cada vez mais aparecia ele sempre tava aberto a gente procurar novidades. E ali que começou e claro que depois o impulso maior aconteceu, quando entrou os plantio direto, aí a coisa começou a andar. Daí nós abrimo... ãhn, no leite também, a gente começou correr atrás, ver, (fala) no fumo foi a abertura daí a gente começou a vê que tinha possibilidade usar as tecnologia em todas as, as culturas que a gente tem na propriedade e... graças a Deus deu certo, tamo, tamo remando...

AB - E... Além disso, antes tu falava da questão dos técnicos das próprias empresas, também influenciou, ainda influencia, ajudou na época...?

JS - Com certeza! A própria cooperativa né, começou também com as tecnologia, ter os técnico visitá a propriedade e a concorrência fez com que cada uma se preocupasse mais ainda de dar assistência técnica. Que eu lembro as primeiras, primeiros técnico que vinha, na época o pai era vivo, ele ainda fazia alguns servicinhos, ãhn, venho um dia falá sobre inseminação. Aí passamo meio dia conversando, foi na época que eu e ele trabalhava sozinho, que faz dois ano que eu e ele trabalhamos. Aí um dia ele me pediu assim, fez a pergunta se eu achava que valia a pena perder meio dia conversando com esses cara, eu disse assim que pra mim, eu achava que sim, porque esse meio dia lá na frente der repente lá na frente ia valer uma semana, um mês, um ano e ele entendeu, só assim, que me fez a pergunta, questionamento. E... ali que começou, aí veio os técnico da Itaipu, veio dos fumo e assim foi andando, nós fizemo muito, muito aqui na propriedade, lavoura demonstrativa. Quando saiu o Itaipu Rural, o primeiro Itaipu Rural, naquela época nós já fazia na propriedade também aqueles experimento, como eles fizeram o primeiro Ita... Ita...

AB - Itaipu Milho Show!

JS - É, isso mesmo! O primeiro daí nós tinha também aqui, eles, só que daí a cooperativa fez um algo um pouco mais é... grande lá na família (Steffens), mas nós já fazia na época, eu lembro, o Paulo sempre falava que quando o primeiro dia de campo que nós fizemo na propriedade colhia cem, oitenta... cem saco de milho era um desafio! E depois já no final, antes

dele sair da cooperativa, quando ainda participava, na época a gente já conseguiu chegar no cento e oitenta, cento e noventa... daí ele comentava assim, ele falava pro meu pai ainda assim ó, quem que imaginava que quando ele veio pra cá que isso era possível um dia, produzi tantos saco por hectare ou plantá milho, sessenta, setenta, entre carreira. Que quando eles começaram era do metro, o saraquá, um passo cada planta. Então a gente conviveu muito graças a essas pessoas que, que vieram, que mostraram que era possível ali e deram um pontapé inicial. (Incompreensível) plantio direto se tivesse entrado há cinquenta anos atrás nós teria nossas terra muito melhor, só que ainda chegou em tempo, as tecnologia nunca vem tarde, só que tem que a gente querer, conhecer elas e tentar, tentar usar elas. Não adianta a gente também pegar assim ó, vem uma tecnologia nova, vou fazer... (aqui) primeiro tem que saber se eu sou capaz de, de gerir isso na propriedade, se eu sou capaz de fazer o que tenho lá, se esse, esse resultado vai me satisfazer, se não vou me arrepender, vou tentar com os pé no chão.

AB - E também sabe dosá né, se aquilo vai dá certo, não vai...

JS - É, experimentar! Não querer assim jogar tudo numa, numa tacada. Joga numa, numa bola, amanhã joga na outra e vai indo até que tu começa a engrená...

AB - Então antes de, do Paulo Junqueira começar com o, idealizar o Itaipu Rural Show ele já fazia campos de demonstração?

JS - É, nós já fazia pela cooperativa, ãhn, imagina nós temo, nós temo uma empresa que a gente já... hoje é menos por causa das multinacionais, mas na época que nós começamo fazê esses tipo de, de, de plantio de milho deve fazê uns vinte e quatro a vinte e cinco ano. Sempre tem uma empresa que traz, a gente (pensa assim ó) o que que vamo fazer. Hoje faz menos porque tem o Itaipu Rural Show, então ãhn, não tem mais tanta novidade mas até então se conseguia mostrá a evolução, hoje o pessoal vai lá pegá. Nós fizemo dias de campo aqui na propriedade de cem pessoas... Saudades, Modelo, de tudo município vinha gente olhá. A gente fazia as parcela, repetia ensaios né, população, adubação, variedades, então tinha sempre um monte de coisas pro pessoal olhá. Depois que entrou o Itaipu Rural daí fica difícil, porque daí lá tem tudo esses cantinho, as parcela tem lá. A gente faz é... fez vários anos seguintes ainda tipo assim só, ãhn, produção, tipo botava dois (mostrando) pra ver qual produzia mais, mas não tanto pra divulgar, mais é pra gente ter mesmo... [**AB** - Sabê como...] Exatamente!

AB - E... No Itaipu Rural Show você sempre participou, ainda vai, acha interessante?

JS - Sempre quando sobra tempo! O problema que justo na época do, do, da colheita. Então muitas vezes a gente gostaria de ir mais, só que o tempo é curto... e... não tem como fazê em outra época porque lá, os milho tem que ser nessa época, mas pra nós a maior dificuldade é tempo, que daí é na colheita de (selagem) ou a gente faz serviço terceirizado. Então, antes já era difícil porque até então nós plantava o fumo geralmente era nos dias de colhê fumo tinha o Itaipú Rural. Então, a, a, pra nós, quem tem atividade de colheita fica difícil. [**AB** - Geralmente dá só uma escapada e...] Exata... no último ano nós fizemo isso, que nós queria vê uma máquina e acho que deu o que... nem duas hora, fomo específico olhá aquilo que nós queria olhá. Mas com certeza quem quer, teria que passar dois dia lá. Eu já conversei com muita gen... "ah... não vale a pena, não adianta ir, porque é sempre a mesma coisa", agora quem vai lá e não quer ver novidade realmente cada ano é a mesma coisa, agora quem vai à procura de novidade sempre acha, sempre acha!

AB - E... Tu já chegou a adquirir alguma coisa lá ou viu alguma coisa lá que tu achou interessante e foi procurar outras empresas pra, pra orça aquele mesmo produto?

JS - Olha, nós já compramo (ensiladeira) num dia lá, tiramo até antes de, de encerrar o Itaipu Rural. ãhn, a facilidade de negociar é bom lá também mas eu digo assim ó, é interessante a gente ir lá olhá e daqui a pouco tu vai procurá numa empresa que tu consegue preço melhor, faz concorrência, faz cotação. Que às vezes lá na empolgação os cara, tu, tu, às vez consegue negociar depois melhor do que na própria feira.

AB - Isso! Esse que é o interessante da feira, [**JS** - Exatamente!] ela mostra as coisas e abre pra tu procurá lá fora [**JS** - Isso!] também depois, não precisa ser adquirido necessariamente lá, [**JS**- É.] pode procurar depois né.

JS - Nós compramo carretão também, vimo lá, o cara tinha lá exposto, depois fomo lá demo mais umas ideia pro cara, daí ele, ele fabricou o carretão aqui na cidade mesmo, aí ele fez do jeito que nós queria. Então, tem, tem, sempre tem utilidade, pra quem quiser ir lá vê, é uma maneira da gente aprendê um monte de novidade mas assim, o mais interessante de tudo, todas as empresa que existem hoje elas tem assistência técnica, ainda...! Eu sempre costumo falar assim, praticamente se fosse fazê por, por dia, um por dia, que às vezes chegou a ter três técnico aqui num dia já, mas assim a média dá pelo menos dois, duas visita por semana.... vai ficar no mercado as empresa que vende o produto e dão assistência, vão fica no mercado e se mantê. Aquele que vem só vendê amanhã depois vai tá com os dias contados. Ou todos vão virá só vendedor e a gente tem que contratá assistência ou quem não tem assistência vai saí do mercado.

E quem quiser tem, tem muita gente com conhecimento, tem, só que tem que cobrá... ähn... essas pessoa que tem faculdade, que tem... é... experiências, eles tão lá pra levá isso pra agricultura, só que muitas vezes também o agricultor não dá abertura pra essas pessoas podê trazê novidade. A gente não pode ir cem por cento atrás do que eles trazem, tem que vê o que que se encaixa em cada propriedade, de repente o que pra mim é bom, pro outro não serve e além disso, mais importante de tudo é que a nossa classe é... ainda é muito pra si. Acho que a gente tem que mais olhá, copiá mais, se dividir as novidade, se dividir as experiências. Porque se eu cometi um erro o meu vizinho, o outro que vem, é... vê na minha propriedade não precisa cometê o mesmo erro... se ele vim pedi ó, ah eu vou falá ó, essa parte tu pula, tudo esse tempo que eu passei aprendendo ele já sai daqui, já sai fazendo certo. Só que ainda tem muita gente, ou às vezes a própria inveja ou não sei o que, ainda não deixa a gente fazê isso.

AB - Bom, então se o senhor tiver mais alguma coisa pra dizer, se não eu acho que é mais ou menos isso.

JS - Ah, eu... a minha par... teria MUITA coisa mas a gente não pode entrá muito nesses assunto que daqui a pouco vamo ficá até madrugada, até amanhã conversando.

AB - Se tiver mais alguma coisa que você quiser complementar ou quiser falar, daí fica bem...

JS - Para a nossa propriedade sim, a gente graças a Deus, eu falei desde o começo nós tivemos duas, três pessoas que entraram na propriedade que realmente deram resultado. A gente ficou muito satisfeito com o trabalho deles, é... pena que não vieram dez anos antes, porque não que a gente tava fazendo errado, daí tem muita gente assim diz que quando tem, vem uma novidade, custa caro. Pra nós, essa mudança não custou nada mais do que tá produzindo e a satisfação em produzi mais sempre é melhor, se tu produz cem saco de milho e teu investimento que tu faz tu consegue colhê cento e cinquenta, esse investimento se paga a satisfação, vale a pena, mesma coisa que produzi leite, porco, tanto faz a atividade. Se com o mesmo, esse investimento se paga e sobra um pouco mais, a satisfação é enorme e... a gente consegue produzi quantidade. Então hoje em dia tu consegue negociar preço se tu tem quantidade, claro que a qualidade tem que acompanhá por isso que eu disse assim, quem tiver oportunidade cobre dos assisten... da, da assistência técnica de cada empresa, seja cooperativa, seja Tirol, seja Piracanjuba, é, seja qualquer empresa que for... BRF, tem todas as empresas, tem como dá essa assistência.

AB - Então já que entramos no assunto, hoje vocês produzem o que tudo na propriedade?

JS - O forte é leite! Nossa produção de leite assim, deu um pulo enorme. E produzimo grão também, mas bastante pra (selagem), alguma coisa sobra ainda também mas ãhn... talvez no futuro vamo consumir tudo na propriedade. [**AB** - E...] Tá valendo a pena, tá muito bom.

AB - E de curiosidade quantos mil litros por mês tão produzindo agora?

JS - Ah, na faixa de trinta e cinco, mas a meta é aumentando de vagarzinho sem investir muito. Produzindo a reprodução, produzindo as novilha pra a reposição. Porque hoje é fácil tem (dinheiro) pra tudo que é lado, só que tem que saber que esse investimento tem que se pagar.

AB - E vocês começaram quando com... com o leite?

JS - Ah, isso faz muitos ano, desde a época que se levava leite na estrada com baldinho, quando se tirava leite à mão ainda... só que daí teve toda essa evolução, por isso que eu costumo falá que a nossa geração viu de tudo. Nós vimo desde leva o leite com baldinho na estrada, o leitero passá e recolhê, depois o taro de leite que vinha, daí o taro, depois o, o tarô dentro na água pra (r)esfriar o leite, é, resfriador a granel era uma novidade, nossa! Era uma coisa impressionante, até que hoje já nem bota mais a mão, ele vai com um cano no resfriador, do resfriador já vai no caminhão sem ninguém bota a mão. A evolução foi muito grande, a mesma coisa o maquinário, a evolução foi muito grande. Graças a Deus que tem essa evolução, só que pra gente que já tem um pouco de idade às vez é um pouco complicado acompanhá isso, mas quem não acompanha fica pra trás, essa que é a grande verdade, tecnologia tá aí pra ser usada.